

A lição das trevas: Michel Foucault e a prisão¹

Michelle Perrot²

Tradução: Anderson A. Lima da Silva³

Foi em torno da prisão, objeto de reflexão política e histórica, que encontrei Michel Foucault. Foi por isso que escolhi essa via de abordagem de sua obra e de sua ação, neste caso, inseparáveis.

Outros analisaram, ou analisarão, muito melhor do que eu poderia fazer, a lógica intelectual que produziu *Vigiar e punir*. Eu gostaria de insistir sobretudo na conjuntura histórica na qual se situa este livro e evocar alguns de seus “efeitos”. De saída, gostaria de dizer o quanto este trabalho deve aos testemunhos e à documentação de Daniel Defert e de Danièle Rancière, que foram, com Michel Foucault e com alguns outros, fundadores do Grupo de Informação sobre as Prisões (GIP) em 1971.

O que poderíamos chamar, na obra de Michel Foucault, de “ciclo carcerário” compõe-se de três obras essenciais: *Eu, Pierre Rivière*⁴..., *Vigiar e punir – Nascimento da prisão*⁵ e

¹ Comunicação apresentada no colóquio de Milão, “Effeti Foucault”, em maio de 1985 e publicada em *Actes, Cahiers d'action judiciaire*, n° 54, verão de 1986, pp. 74-80. Reimpresso em *Les ombres de l'histoire: crime et bâtiment au XIXe siècle*. Paris: Flammarion, 2001, pp. 27-38. Agradecemos à Mme. Michelle Perrot e à editora Flammarion a gentil autorização de publicação da presente tradução.

² Michelle Perrot (1928) é historiadora e feminista. Professora Emérita da Universidade Paris VII - Denis Diderot, foi pioneira na elaboração da história das mulheres e do gênero, publicou diversos estudos sobre os movimentos operários e sobre o sistema penitenciário, colaborando com Michel Foucault. De suas obras traduzidas para a língua portuguesa, destacam-se *As mulheres ou o silêncio da história* (Edusc, 2005) e *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (Paz e Terra, 2017).

³ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Atualmente é bolsista CNPq de pós-doutorado (Unicamp).

⁴ FOUCAULT, *Moi, Pierre Rivière, ayant egorgé ma mère, ma soeur et mon frère... Un cas de parricide au XIXe siècle*. Paris: Gallimard, 1973. [Tradução brasileira: *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão... Um caso de parricídio no século XIX*. Trad. Denize Lezan de Almeida. São Paulo: Edições Graal, 2010].

⁵ FOUCAULT, M. *Surveiller et punir – naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975. [Tradução Brasileira: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 2014].

A desordem das famílias [*Le Désordre des familles*]⁶, em colaboração com Arlette Farge; nos interstícios, há as entrevistas e as mesas redondas às quais Michel Foucault fora solicitado a se explicar. Pois *Vigiar e punir*, notadamente, foi uma das obras que suscitaram mais interrogações, comentários, inclusive reticências que nos caberiam compreender.

Por que o crime, depois da loucura? Por que a prisão, depois do hospital geral e da clínica? Sem dúvida há aqui a continuidade de uma escolha metodológica: estudar o funcionamento de uma sociedade por suas supostas margens; mostrar tudo que se tece entre o centro e a periferia; escutar essas “experiências-limite” mediante as quais “uma cultura rejeita algo que será para ela o exterior”⁷. Escolha lógica conduzida pelo próprio movimento da história, na medida em que o ordenamento racional passa pela divisão dos espaços e das funções. Local matricial confuso, o hospital geral cinde-se em espaços apropriados para o tratamento dos loucos, dos doentes venéreos, dos pobres e, finalmente, dos criminosos; mas eles possuem entre si mais do que analogias. O “tratamento moral” por meio da cela solitária é, no século XIX, a terapia ideal para o louco e para o criminoso. A prisão é contígua ao asilo, o qual é um “espaço judiciário onde se é acusado, julgado e condenado”⁸. Os últimos capítulos da *História da loucura* escutam essa “dialética sempre recomeçada do Mesmo e do Outro” que une o crime e a loucura. E diversas passagens sugerem uma sequência carcerária possível: à exemplo dessas páginas nas quais Michel Foucault evoca os projetos esboçados à época da Revolução, por Brissot de Warville ou Musquinet, para casas de correção perfeitas, “Bicêtres oníricas, onde todos os mecanismos da correção poderiam funcionar em estado puro; aí tudo seria ordem e castigo, medida exata das penas, pirâmide organizada dos trabalhos e das punições — o melhor possível de todos os mundos do mal”⁹.

No entanto, esses temas não se impõem como os mais urgentes naquele momento. Se procuramos na *História da loucura* o anúncio ou a prefiguração de um programa, encontramos intenções muito mais explícitas de desenvolvimento a propósito da polícia, ou da desordem, da família, instância à qual Foucault conferia uma função primordial; da clínica e, ainda mais, da história do sonho e da sexualidade e seus interditos: “a partilha trágica do mundo feliz do desejo”¹⁰.

O que, então, nos anos 1970, impeliu Michel Foucault a considerar a penalidade, a delinquência e a prisão como uma zona decisiva de exercício do poder? E, ao mesmo tempo,

⁶ FOUCAULT, M; FARGE, A. *Le désordre des familles - Lettres de cachet des Archives de la Bastille au XVIIIe siècle*. Paris: Gallimard, 1982.

⁷ FOUCAULT, *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*, p. III. [Nota do tradutor]: Trata-se do prefácio do livro de 1961, cuja publicação em sua integralidade consta apenas na edição original. A partir de 1972, ele desaparece das reedições. Tampouco figura na tradução brasileira (FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade clássica*. Trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005). O prefácio foi recolhido e compilado nos “*Ditos e Escritos*”: FOUCAULT, M. “Prefácio (Folie et déraison)”. In: *Ditos e Escritos*, vol I. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999, p. 142.

⁸ FOUCAULT, *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*, p. 503. [FOUCAULT, *História da loucura na Idade clássica*, p. 496].

⁹ FOUCAULT, *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*, p. 517. [FOUCAULT, *História da loucura na Idade clássica*, p. 425].

¹⁰ FOUCAULT, *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*, p. V. [FOUCAULT, “Prefácio (Folie et déraison)”. In: *Ditos e Escritos*, vol I. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise, p. 146].

a colocar a ênfase nas práticas sociais, tanto e mais do que nas formações discursivas, como observaram H. Dreyfus e P. Rabinow?¹¹

Decerto, faltam-nos diversos elementos para compreendê-lo. Na gênese de *Vigiar e punir* o peso da atualidade foi talvez decisivo. O próprio Michel Foucault nos autoriza a pensar isso: “que as punições em geral e a prisão se originem de uma tecnologia política do corpo, talvez me tenham ensinado mais pelo presente do que pela história”, escreve ele na introdução deste livro. “Nos últimos anos houve revoltas em prisões em muitos lugares do mundo”. E ele sublinha os paradoxos dessas revoltas ao mesmo tempo “contra toda uma miséria física que dura há mais de um século” e “contra as prisões-modelos, contra os tranquilizantes, contra o isolamento, contra o serviço médico ou educativo”¹².

Mais do que qualquer outro livro, *Vigiar e punir* se enraíza num presente no qual Michel Foucault se implicou profundamente. 1968 havia ignorado as prisões, onde, no entanto, seu eco havia fortemente penetrado. É entre 1970 e 1971 – no pós-Maio de 68 – que se processa a junção entre a extrema esquerda e o mundo carcerário, por intermédio de militantes aprisionados. Le Bris e Le Dantec passaram um ano na prisão, Alain Geismar, dezoito meses. Mais de duzentos *gauchistes* foram levados aos tribunais; mais de uma centena foi encarcerada em diversos lugares da França¹³. Entre eles e os detentos de “direito comum”, com os quais eles são misturados, os contatos são geralmente bons, por conta de sua atitude e da lembrança positiva que Maio havia deixado na juventude dos subúrbios. Por sua vez, os *gauchistes*, sobretudo os maoístas da *Gauche Prolétarienne*, são levados a reavaliar o “lumpen”, como o fazem nos Estados Unidos, no mesmo momento, os *Black Panthers*, ou, na Itália, *Lotta Continua*. Assim surge a “questão das prisões”, lancinante e sempiterna, mas colocada de uma maneira totalmente inédita.

Está fora de questão fazer aqui a história desse movimento¹⁴.

Podemos, por alto, distinguir três fases:

De 1970 ao início de 1971, o tempo das primeiras lutas dos *gauchistes* para obtenção do estatuto de “prisioneiro político”, que lhe era necessário tanto por razões materiais, quanto por razões de princípio. De resto, eles jamais separaram esta reivindicação de um questionamento do mundo carcerário em seu conjunto. Essas lutas tomam a forma de greves de fome (a primeira em setembro de 1970, a segunda de janeiro a fevereiro de 1971), de manifestações (como aquela de 9 de fevereiro de 1971, quando, sob convocação do *Secours*

¹¹ H. DREYFUS e P. RABINOW, *Michel Foucault. Un parcours philosophique*, avec un entretien et deux essais de Michel Foucault. Paris: Gallimard, 1984 (edição inglesa, Chicago, 1982). Sobre a virada dos anos 1970 ver notadamente p. 156 *et sq.* [Tradução brasileira: DREYFUS, H; RABINOW, P. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010].

¹² FOUCAULT, *Surveiller et punir – naissance de la prison*, p. 35. [FOUCAULT, *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*, p. 33].

¹³ Minhas fontes essenciais são aqui: uma entrevista com Daniel Defert e um artigo que ele escreveu com Jacques Donzelot, “La charnière des prisons”, *Le magazine littéraire*, n. 112-113; “Mai68/mai1976”, que fornece as principais etapas da história do GIP. Sobre o tema, há também uma tese de ciência política de Brigitte Robert.

¹⁴ Tomo emprestado o essencial das fontes citadas anteriormente. As brochuras da coleção *Intolérable*, analisadas mais adiante, bem como as circulares datilografadas produzidas pelo GIP e os textos dos questionários provêm dos arquivos pessoais de Danièle Rancière. [N.T.]: As brochuras do GIP foram compiladas e publicadas em 2013: GROUPE D'INFORMATION SUR LES PRISONS, *Intolérable*. Présenté par Philippe Artières. Paris: Verticales, 2013. Circulares e textos do questionário, bem como uma série de arquivos e documentos relativos ao GIP estão disponíveis na edição: *Le Groupe d'Information sur les Prisons – Archives d'une lutte. 1970-1972. Documents réunis et présentés par Philippe Artières, Laurent Quérou et Michelle Zancarini-Fournel*. Paris: Éditions de L'Imec, 2003.

Rouge, mais de quatro mil jovens se mobilizam) e até mesmo de ataques contra delegacias de polícia. O caso Guyot¹⁵ tem um grande impacto nos liceus. Principal alvo desses ataques, o ministro da Justiça, Pleven, anuncia no dia 9 de fevereiro de 1971 a instalação de uma comissão encarregada de elaborar “um regime especial de encarceramento”.

Neste mesmo dia, Michel Foucault anuncia a criação do GIP, cuja ação eu gostaria de retomar mais detidamente. O primeiro semestre de 1971 marca talvez o ápice de sua atividade e provoca uma ampla sensibilização da opinião, à qual o caso Buffet-Bontems¹⁶, em setembro de 1971 em Clairvaux, fará, contudo, o contraponto.

As revoltas nas prisões inauguram uma nova etapa. Revoltas nas prisões americanas: 21 de outubro de 1971, o assassinato de George Jackson na prisão de Saint-Quentin; novembro, revolta de Attica e massacre dos detentos pelas forças de ordem. Revoltas nas prisões francesas no inverno de 1971-1972: em Toul, em 5 e em 13 de setembro; em Nîmes, Amiens, Loos-le-Lille, Fleury-Mérogis, onde uma primeira revolta, bastante espontânea, havia irrompido no dia 1º de maio (25 prisões foram afetadas). Casa de detenção considerada como uma prisão modelo, Fleury encerra numerosos jovens do subúrbio parisiense. Revolta em Nancy, no dia 15 de janeiro de 1972, em Melun, aproximadamente na mesma data. Esses movimentos coletivos, frequentemente de grande amplitude, são acompanhados de diversos incidentes e de uma extraordinária efervescência. A opinião pública havia sido incontestavelmente impactada. A análise da imprensa da época o demonstra.

No dia 7 de fevereiro, todos os jornais haviam consagrado seu editorial às prisões. *L'express* publica na primeira página (número 12-18 de abril de 1971) uma fotografia da casa de detenção Santé com uma chamada “*L'express* acusa” e em subtítulo esta frase de Victor Hugo: “as galeras fazem os galerianos”¹⁷. O semanário apresenta os resultados de uma investigação realizada nas prisões por seis de seus jornalistas. Foi preciso, escreve em destaque, a guerra e Maio de 68 para que “lembramos que os homens e mulheres atrás dos muros são seres humanos”. Por seu lado, o governo havia feito algumas concessões, por exemplo o direito de livre circulação da imprensa na prisão, conquista nada desprezável, e a promessa de melhorias diversas, esquecidas em sua maioria com o refluxo do movimento.

Mas é ao papel do GIP – e de Michel Foucault no e por meio do GIP – que eu gostaria agora de me deter. E em primeiro lugar às condições de sua fundação. Desde Maio de 1968, Michel Foucault mantinha diversas ligações, diretas ou indiretas, com os meios *gauchistes*. A Universidade de Vincennes, fundada no outono de 1968, seguramente serviu como ponto de conexão. Igualmente, desde o começo dos encarceramentos e dos movimentos, ele é solicitado a tomar partido. Pedem-lhe, principalmente, que promova um questionário sobre as prisões, um pouco à maneira de *Lotta Continua* que, pouco favorável ao “*établissement*” nas fábricas¹⁸, havia, entretanto, lançado um questionário sobre as prisões. Um certo número de intelectuais – como Daniel Defert, Jacques Donzelot, Mme Geismar,

¹⁵ [N.T.]: Estudante secundarista preso durante uma manifestação.

¹⁶ [N.T.]: Em 22 de setembro de 1971, Claude Buffet e Roger Bontems, detentos da prisão de Clairvaux, tomam como reféns uma enfermeira e um carcereiro, que acabarão sendo assassinados por Buffet. Em junho de 1972, ambos são condenados à pena de morte e guilhotinados em novembro do mesmo ano.

¹⁷ [N.T.]: O galeriano era um indivíduo condenado a cumprir pena como remador numa galé. Na linguagem francesa corrente, designa uma pessoa que leva uma “vida dura”.

¹⁸ [N. T.]: O *établissement* foi uma tática utilizada sobretudo por grupos maoístas que, na esteira de Maio de 68, consistira em enviar estudantes e intelectuais para trabalhar em fábricas – os “*établis*” – com o objetivo de conhecer o meio operário e insuflar práticas revolucionárias, notadamente de ação direta.

Claudia Liscia, Jean-Claude Milner, Danièle Rancière, François Regnault... –, mas também médicos, psicólogos, jornalistas especializados em assuntos judiciais se reúnem na casa de Michel Foucault e trabalham na redação de um questionário destinado aos detentos. As rubricas relativas às comunicações com o exterior – “visitas, encomendas, cartas” – precedem os itens mais clássicos sobre as condições materiais: “cela, banho de sol, alimentação, cantina, trabalho”. Central aos olhos dos redatores do questionário, figurava a questão “os seus direitos”. Pergunta-se para terminar: “você esteve em contato com prisioneiros políticos?”

Um texto explicativo acompanha este questionário. Ele denuncia a situação “intolerável” das prisões. “Tratam os detentos como cães. O pouco de direitos que têm não é respeitado. Nós queremos expor este escândalo à vista de todos”. Para isso, é preciso fazer questões aos detentos e junto com eles. “Para nos auxiliar a recolher essas informações, é preciso preencher com os detentos ou ex-detentos o questionário em anexo”.

Essa convocatória é assinada por “Grupo de Informação sobre as Prisões” e o endereço dado – 285, rue de Vaugirard, Paris XVe – é o de Michel Foucault.

O método de investigação passa pela constituição de um grupo por prisão (havia, por exemplo, J.-C. Milner, em Fleury; Daniel Rondeau, em Nancy, pois a rede se estendia às províncias), e pela associação do exterior com o interior, de detentos e de pessoas livres ou libertas, de profissionais da prisão e de não profissionais, seguindo um princípio fecundo que, desde então, se difundiu em outros modos de ação. Utilizando para tanto as filas de espera diante das prisões, o método procura também sensibilizar as famílias dos detentos, que frequentemente se mostram muito receptivas. Algo que Michel Foucault fez com frequência.

Essa ação investigativa, original, se inscreve em um retorno geral à “prática”, preconizado pelos *gauchistes* após 1968. Nessa direção, os *Cahiers de Mai* fizeram desta ação o núcleo de sua atuação. Apenas substituíam-se as fábricas pelas prisões. Houve, igualmente, um questionário enviado aos advogados: “você têm muitos estrangeiros entre seus clientes?”, perguntavam-lhes. E, para finalizar: “na sua opinião, quem é enviado à prisão?”

Na verdade, trata-se menos de uma coleta de informação do que de uma tomada de palavra pelos próprios detentos sobre o “intolerável”. Esta última noção é essencial, como explica um texto intitulado “*Enquête-Intolérance*”, que marca a especificidade da iniciativa: “não é um questionário sociológico, não é um questionário-curiosidade, é um questionário-intolerância”.

Intolerável é, aliás, o título da coleção de brochuras nas quais aparecem, desde maio de 1971, os resultados dos questionários; quatro no total, sendo as duas primeiras publicadas pelas edições Champs Libre e as outras duas pela Gallimard, que editava os livros de Michel Foucault. A primeira, *Questionário em vinte prisões [Enquête dans vingt prisons]* (maio de 1971) é escrita a partir de respostas de detentos ao questionário (não pude, infelizmente, adquiri-la). A segunda (junho de 1971), intitulada *O questionário GIP em uma prisão modelo: Fleury-Mérogis [Le GIP enquête dans une prison modèle: Fleury-Mérogis]*, alterna as narrativas-testemunhos com, em itálico, complementos ou comentários. Ela expõe os métodos de vigilância implementados nessa prisão de última geração: uso de tecnologias as mais modernas, tanto do ponto de vista material (câmeras de televisão), quanto psicológicas (redação, pelos detentos, de sua autobiografia), os micropoderes dos pequenos chefes e dos carcereiros que se entre-vigiam, o emprego massivo de valium: “sem o valium, uma prisão como Fleury não poderia funcionar”; a importância dos detalhes cotidianos, a terrível solidão – “o pior dos

sofrimentos” – que leva alguns a preferir as prisões de Fresnes ou Santé, sujas e desconfortáveis (assim como no século XIX os condenados preferiam o ar livre do trabalho forçado nas colônias penais [*bagnes*] ao isolamento das centrais prisionais). É em Fleury-Mérogis que a taxa de suicídios é a mais alta. Esta brochura explora ainda os modos de resistência, a capacidade dos detentos de utilizar as falhas e os interstícios, incluso a importância da escrita para eles – carta, diário íntimo, por vezes romances e poemas. A escrita, objeto de desejo, forma de expressão e de apropriação.

A terceira brochura (novembro de 1971) é relativa ao assassinato de George Jackson [*L’assassinat de Georges Jackson*], no dia 21 de agosto de 1971, na prisão americana de Saint-Quentin. Ela mostra, mediante uma entrevista de Jackson, como os *Black Panthers* viam na prisão o meio de se operar a junção entre proletariado e subproletariado.

Jackson atesta sua “convicção de que a edificação de uma consciência revolucionária da classe dos prisioneiros é essencial no desenvolvimento geral do quadro revolucionário da extrema esquerda”¹⁹. Segundo ele, “a luta nas prisões tornou-se um novo *front* da revolução”²⁰.

Finalmente, a quarta brochura, Suicídios de prisão [*Suicides de prison*] (janeiro de 1973), trata do ano de 1972. Ela destaca como o aumento dos suicídios toma o lugar das ações coletivas. “Escalada necessária”, estes suicídios estão para além do desespero individual. “Muitos dos suicídios atuais estão associados ao contrário à própria vida na prisão e exprimem a luta contra o sistema penitenciário; eles fazem parte da revolta de homens que não têm mais do que seus corpos para lutar e resistir”. Além de uma lista nominal daqueles que cometeram suicídio no ano de 1972 – dentre os quais muitos imigrantes – e de estudos circunstanciados de “caso”, a brochura contém as “cartas de H. M.” (1940-1972), escritas no período que precedeu seu suicídio no outono de 1972. H. M. havia passado pela prisão umas quinze vezes; doravante encarcerado por pequeno tráfico de drogas, ele foi enviado à solitária por homossexualidade e lá se enforcou. Essas cartas desconcertantes, escritas sob o domínio de soníferos potentes, apresentam rupturas e passagens inusitadas. O breve comentário que as sucede carrega, a meu ver, a marca, se não da escrita, ao menos da reflexão de Michel Foucault. Este texto insiste sobre o caráter exemplar e insólito desta correspondência que “diz justamente em que pensa um prisioneiro. E não é aquilo que se acredita de ordinário”. Ele mostra como a prisão fabrica a delinquência a partir de pequenos delinquentes que não teriam de estar ali. “Por meio de um sistema muito preciso de polícia, de registro criminal, de controle, que lhes tira qualquer chance de escapar às consequências de uma primeira condenação, os jovens são levados a retornar à prisão pouco tempo após terem saído. Suas condenações se sucedem e lhes colam a etiqueta de ‘irrecuperáveis’”²¹. O comentário denuncia a solitária, que é, no interior da prisão, “uma prisão mais secreta, mais grotesca e mais dura”. O autor conclui: “o que está em questão não é somente um sistema social em geral com suas exclusões e condenações, mas o conjunto das provocações deliberadas e personificadas por meio das quais o sistema funciona, assegura sua ordem, por meio das quais ele fabrica seus excluídos e seus condenados, conforme a uma política que é aquela do poder, da polícia e da administração. Um certo número de pessoas é direta e pessoalmente

¹⁹ P. 17

²⁰ P. 61

²¹ P. 38.

responsável pela morte deste detento”²². Fabricação do delinquente, gestão dos ilegalismos: reconhecemos alguns dos temas de *Vigiar e punir*. Estima-se assim de qual experiência direta e concreta se nutre este livro. Grande livro sobre o noturno das sociedades, ele se alimenta da lição das trevas.

Paralelamente ao “questionário-intolerância”, em que a articulação saber-poder está tão presente, Michel Foucault e o GIP conduziam ações na direção dos poderes públicos e da opinião, com um sentido simbólico e midiático bastante claro. Por isso haviam recorrido a Jean-Marie Domenach (*Esprit*) e Pierre Vidal-Naquet, visto o que um e outro representavam na luta contra a opressão²³. No dia 9 de fevereiro de 1971, no mesmo dia em que Pleven anuncia a formação de uma comissão encarregada de elaborar “um regime especial de encarceramento”, Michel Foucault, acompanhado de Domenach e de Pierre Vidal-Naquet, vai à capela San Bernard, em Montparnasse, onde ocorre uma greve de fome, e torna pública a criação do GIP, que passa a organizar também reuniões públicas e manifestações. Assim, no dia 11 de novembro, na Mutualité, famílias dos detentos de direito comum tomam a palavra, “apesar do incômodo de diversos militantes que os achavam insuficientemente proletários”²⁴. No dia 17 de janeiro de 1972, M. Foucault, ao lado de Sartre, conduz uma coletiva de imprensa no ministério da Justiça, do qual são expulsos sem cerimônias. Em 21 de janeiro, o GIP convoca uma manifestação de rua, enquanto na província os grupos locais exprimem solidariedade às revoltas dos prisioneiros, que atingiam neste momento seu ponto culminante, tendo o ministro da Justiça, além disso, cometido a inépcia de suprimir, no fim de 1971, o direito anual dos detentos de receber um pacote de víveres para as festividades natalinas! Em várias ocasiões, M. Foucault se desloca à província para juntar-se aos manifestantes. Em colaboração com Ariane Mnouchkine (animadora do famoso Teatro de Soleil), ele participa, assim como Deleuze, de uma representação teatral sobre a prisão de Nancy.

No entanto, o GIP vai se encontrar progressivamente isolado. De um lado, o governo tenta atribuir-lhe a responsabilidade das revoltas e os estigmatiza como “perigosos agitadores”. Por outro lado, a extrema esquerda está dividida quanto à questão do “lumpen” e sobre a centralidade política do judiciário e do carcerário. Nem marxista, nem libertária, a análise de Michel Foucault desconcertava seus companheiros de luta. “Essa teoria do continuum de resistências populares era rejeitada por ambas as partes, posto que o fenômeno não se deixava traduzir em termos marxistas de ideologia, nem permitia que se recorresse ao bom e velho fantasma do lumpemproletariado”²⁵.

Além disso, liberados das grandes centrais carcerárias, alguns detentos – como Serge Livrozet, de quem, em 1973, Michel Foucault prefacia o livro *De la prison à la revolte* [Da prisão à revolta] – empenhados em fazer ouvir suas vozes, criam o CAP (Comitê de Ação dos Prisioneiros), cuja ação sucede ao GIP, sob uma óptica um pouco diferente. Este, que não tinha nem intenção nem vocação de se perpetuar, se dissolve no decorrer de 1973. Ele havia estimulado a emergência e a expressão do “intelectual específico” que, ao contrário do

²² P. 40.

²³ [N.T.]: Ambos antigos resistentes contra a ocupação nazista durante a Segunda Guerra Mundial, Jean-Marie Domenach era igualmente diretor da revista *Esprit*, órgão de referência dos trabalhadores sociais; o historiador Pierre Vidal-Naquet notabilizara-se nos anos 60 ao realizar denúncias documentadas das torturas realizadas pelo exército francês durante a Guerra da Argélia.

²⁴ Artigo citado de Defert e Donzelot.

²⁵ Idem.

intelectual “orgânico”, não se engaja a título definitivo e de uma vez por todas, mas caso a caso, em função das relações de forças e das circunstâncias, numa procura incessante e sempre recomeçada da verdade. Campo de experiência, o GIP desempenhou um papel de articulador entre a extrema esquerda e os detentos, entre o interior e o exterior da prisão, entre especialistas do mundo carcerário e não especialistas. Ele contribuiu com o desenvolvimento da reflexão sobre as relações entre o judiciário e o penal, inseparáveis aos olhos de Michel Foucault. Mais do que sobre os centros penitenciários [*centres*], frequentemente gradeados pelos poderes dos próprios detentos e romantizados pela consciência burguesa, ele insiste sobre o papel de produtor da delinquência dos presídios [*maisons d’arret*] e sobre a urgência de reduzir sua produção e, conseqüentemente, de enfrentar prioritariamente o próprio funcionamento da justiça e do Código. Parte integrante de um sistema penal, ele próprio incluído num sistema político e uma rede de poderes, a prisão não poderia ser dissociada disso.

Em um grau que é evidentemente difícil de mensurar, a reflexão pessoal de Michel Foucault e sua atitude foram, se não modificadas, ao menos infletidas e clarificadas. A observação da prisão contemporânea, na sua intemporalidade relativa, permitiu-lhe melhor compreender aquela do passado, tão próximo, e o caráter surreal do prolífero discurso que a acompanha. Os contornos que tomam cada ínfima coisa no universo carcerário provavelmente agudizaram sua concepção da “anatomia política do detalhe”, como a importância do corpo, ou do espaço, e do jogo de visibilidades. Contudo, em relação à [*História da*] *loucura, Vigiar e punir* constitui um tipo de reviravolta. A insistência sobre as práticas disciplinares e as resistências, mais do que sobre os discursos, a ênfase colocada sobre as imbricações das redes de poder, cujos lugares de internamento são apenas um elo, inverte as perspectivas anteriores. O panóptico se abre ao exterior. É a sociedade que é panóptica. E por toda parte “é preciso escutar o ronco da batalha”.

Não é minha intenção realizar aqui a análise interna de *Vigiar e punir*. Em contrapartida, eu gostaria de evocar brevemente alguns de seus “efeitos”.

Este livro, de uma grande fecundidade política e científica, também engendrou impasses e mal-entendidos – por exemplo, no modesto domínio dos historiadores – dos quais nem sempre é fácil compreender as razões.

Vigiar e punir suscitou um número importante de pesquisas em pelo menos três direções: os “equipamentos do poder”, o corpo, as disciplinas. No primeiro conjunto, eu penso nos trabalhos do CERFI²⁶ sobre o hospital, a escola, a desospitalização psiquiátrica, as políticas de habitação, a higiene pública etc. Os trabalhos de Georges Vigarello, na fronteira das teses de Norbert Elias e das de Michel Foucault, sobre “O corpo endireitado” [*Le corps redressé*]²⁷. A tese de Michel Bouillé sobre *as pedagogias do corpo nos séculos XVIII e XIX*²⁸, ilustra a segunda linha, na medida em que o espaço da escola, do hospital, ou da fábrica e a minúcia de seus regulamentos, ou ainda a “política das famílias” (J. Donzelot), tornavam-se objetos de estudo para além das Universidades. Afora os temas específicos, as

²⁶ [N.T.]: O *Centre d’études, de recherches et de formation institutionnelles* (CERFI) foi um coletivo de pesquisa em ciências humanas fundado por Felix Guattari e ativo entre 1967 e 1987. Um de seus objetivos era o de criar elos entre pesquisadores e ativistas de diversas frentes.

²⁷ VIGARELLO, G. *Le corps redressé*. Paris: J. P. Delarge, 1978.

²⁸ Tese de doutorado em Filosofia, Université de Paris-VIII-Saint Denis, 1984, que se apoia diretamente sobre as hipóteses de *Vigiar e punir*.

noções introduzidas por Michel Foucault, sua maneira de articular saber e poder, sua atenção aos espaços, aos mínimos agenciamentos do cotidiano, modificaram nossa visão das coisas, nossa leitura dos textos.

Eis aqui apenas alguns exemplos que foram, para mim, pertinentes. Como a atenção às formas de constituição de saberes em ação no domínio de um exame, nas contabilidades penais, os dossiês individuais, as nomenclaturas de uma tabela ou de um registro, os questionários empíricos dos filantropos ou dos médicos nos quais Michel Foucault via uma matriz essencial da sociologia, tanto quanto da psicologia, nascidas das práticas e das “ideias” dos pensadores. Ou ainda, a noção de reviravolta de um processo penal ou disciplinar que provoca seu desgaste e conduz a seu abandono. Sobre esse ponto, a análise dos suplícios, dos tumultos de cadafalso, em que o “populacho” desafia a moral pública e o soberano, me parece bem esclarecedora. O abandono da publicidade das execuções capitais, no século XIX, provém menos – ou tanto – de algum sentimento de humanidade do que de sua ineficácia e periculosidade. Em torno da guilhotina, articula-se um “*front de luta*” que mascara o idealismo do discurso. Por fim, a noção de “resistência”, que emperra as máquinas do poder e as obriga a mudar de tática, quiçá de estratégia, permite reintegrar os gestos cotidianos no diagrama das forças e abre a via para a reinserção do sujeito individual e para suas múltiplas ações furtivas [*braconnages*]²⁹. Essa maneira de desglobalizar um campo, ao mesmo tempo que deslinda as relações internas de dominação e de dependência, me parece ter aplicações múltiplas e uma eficácia muito maior do que uma análise em termos de “classes”.

O perigo é o de reter apenas algumas palavras-chave, dissociadas da abordagem de conjunto, geradoras de “genealogias” perversas. Nessa direção, Michel Foucault foi lido muito frequentemente como um teórico do controle social e da normatividade, o que ele recusava.

Foi sem dúvida com os historiadores que os mal-entendidos foram os mais numerosos, como revela o artigo de Laurence Stone no *The New York Review of Books*³⁰, ao qual Michel Foucault insistiu em responder ponto por ponto; ou ainda, a ocasião um tanto descompassada de “*L’Impossible prison*”³¹. Tendo contribuído para este encontro, sei a que ponto as coisas foram ao mesmo tempo ricas e difíceis. No centro do mal-entendido estavam a crítica por Michel Foucault do primado da história social, as noções de “genealogia” como operação de isolamento de séries, de causalidade (da qual Michel Foucault desconfiava, preconizando uma história “ciência dos efeitos”), a noção de progresso. Para tomar apenas este último ponto, que mereceria uma discussão aprofundada, os historiadores, moldados pelo positivismo e pelo Iluminismo, dificilmente admitiam que houvesse uma “racionalidade do abominável”³². Nesse sentido, sua desconfiança em relação a Michel Foucault é em parte política, como ele mesmo notava e me dizia algumas semanas antes de sua morte, enquanto eu preparava para o *Libération* um artigo sobre sua relação com os historiadores, dada a iminência da aparição de seus dois últimos livros³³.

²⁹ Segundo a expressão de Michel de Certeau, *L’invention du quotidien*. Paris: 10/18, I, Arts de faire, 1980. [Tradução brasileira: CERTEAU, M. *Invenção do cotidiano* vol I: Artes de fazer. São Paulo: Vozes, 2014].

³⁰ XIV, XII, 1982.

³¹ PERROT, *L’impossible prison: recherches sur le système pénitentiaire au XIXe siècle*.

³² PERROT, *L’impossible prison: recherches sur le système pénitentiaire au XIXe siècle*, p. 31.

³³ [N.T.]: Trata-se dos volumes 2 e 3 da *História da sexualidade*, respectivamente, *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, ambos publicados em 1984, ano de falecimento de Michel Foucault.

Essas dificuldades de comunicação haviam levado Michel Foucault – o mal entendido – a tomar alguma distância dessa estranha etnia dos historiadores que, graças principalmente à *École des Annales*, lhe havia incontestavelmente atraído e reconhecido à época de *História da Loucura*. Doravante, Michel Foucault toma o cuidado de dizer que não é historiador: a genealogia não é a história, ela supõe regulações diferentes; seu objeto não é o “quadro” exaustivo de um período, mas a evidenciação de um problema, tampouco é a descrição das mentalidades ou dos comportamentos, mas a “história política de uma produção de verdade”. “Meus livros não são tratados de filosofia nem estudos históricos; antes são fragmentos filosóficos em canteiros históricos”. Um dos efeitos de *Vigiar e punir*, pelo ricochete da recepção do livro, sem dúvida foi o de conduzi-lo a afirmar com maior vigor seu direito ao “ensaio” e sua originalidade própria.

Tal terá sido, também, a lição das trevas. Para ele, para nós.

Primavera de 1985: vão-se dez anos do lançamento de *Vigiar e punir*. A paisagem política da França mudou. A pena de morte foi abolida e, no âmbito europeu, medidas são tomadas para tornar este fato irreversível. Nós temos sem dúvida Robert Badinter, “o melhor ministro da justiça que já tivemos desde há muito tempo”, segundo palavras do próprio Foucault. Uma reforma do Código penal está em preparação. Medidas de abrandamento do regime carcerário foram, em princípio, tomadas.

Ainda assim, as prisões atingem taxas de superlotação sem precedentes. A duração da prisão preventiva cresce. Nesta primavera de 1985, quatorze anos após a história do GIP, uma onda de revolta, partindo principalmente das casas de detenção, lugar de putrefação da juventude, agita novamente o mundo carcerário. Ela fez diversas vítimas. Como em 1972, o refluxo do movimento foi acompanhado de uma “epidemia” de suicídios. E a resposta do poder, dilacerado entre suas inegáveis convicções de reforma e uma opinião pública securitária, um corpo judiciário dividido, uma polícia renitente, é bastante hesitante. O silêncio dos intelectuais não é menor.

Nessas circunstâncias parecidas e diferentes, órfãos que somos, não podemos nos impedir de nos perguntarmos o que teria dito e feito Michel Foucault. A própria existência dessa questão é ainda uma das formas de sua presença entre nós.

Referências bibliográficas

DEFERT, D.; DONZELOT, J. “La charnière des prisons”. In: *Le Magazine littéraire*, 1976, n° 112-113.

FOUCAULT, M. *Folie et déraison. Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon, 1961.

FOUCAULT, M. *Surveiller et punir – naissance de la prison*. Paris: Gallimard, 1975.

FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos, vol I. Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade clássica*. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

PERROT, M. (Org.). *L'impossible prison: recherches sur le système pénitentiaire au XIXe siècle*. Paris: Seuil, 1980.